

JOGO E IMPROVISACÃO NA PESQUISA-DOCÊNCIA: SOBRE ESTUDOS EM EXERCÍCIOS¹

PLAY AND IMPROVISATION IN RESEARCH-TEACHING: STUDIES IN EXERCISES

JUEGO E IMPROVISACIÓN EN LA PESQUISA-DOCENCIA: SOBRE ESTUDIOS EN EJERCICIOS

^{2*}Diego Winck Esteves

^{3**}Máximo Daniel Lamela Adó

RESUMO: Este ensaio, um estudo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (mestrado), perspectiva a pesquisa e a docência por meio de uma noção de exercícios que tem em vista a necessidade de colocar-se em jogo enquanto pesquisador e docente, para que a pesquisa-docência — noção que então assume uma reciprocidade — seja incitada a lidar com o imprevisível e as provisoriiedades de seu fazer. Tal noção de Exercícios é tratada por uma via foucaultiana, onde o sujeito pesquisador é posto à prova, pois somente assim teria acesso à verdade. Com efeito, a própria noção de verdade passa a ser perspectivada, pois, assim como nos propõe Nietzsche, tem-se como pressuposto o fundo trágico da existência, ou seja, o não-sentido sobre o qual se produz os sentidos e funções do e no pesquisar. Afirma-se, portanto, o caráter improvável deste fazer — tanto da escrita da pesquisa quanto do pesquisador-docente que escreve, ele mesmo em jogo —, e a improvisação emerge enquanto acontecimento imprevisível no qual o estudo e o próprio indivíduo, que flexiona-se sobre ele, passam por processos intermitentes de individuação. Assim posto, o próprio texto aqui apresentado se constitui em zonas incertas, põe-se em risco: compreende-se em entremeios onde se exercita tendo em vista a proposição de certa noção composta entre jogo e improviso. Propõe-se, com efeito, que certos exercícios, enquanto jogos inventados como condição para improvisações, possam ser apropriados como um modo possível, e potente, de lidar com a pesquisa e a docência.

PALAVRAS-CHAVE: Exercícios; Jogo; Improviso; Pesquisa; Docência.

PARA PÔR A MÃO NA MASSA: O CORPO EM FLEXÃO SOBRE UM ESTUDO

Tudo está por se fazer quando se inicia uma pesquisa. Sem negligenciar nesta afirmação a importância dos estudos anteriores, ao contrário, ainda que neles se tenha algo como a terra sobre a qual construir um edifício, ou a matéria à ser manipulada por um escultor, ou, de fato, pistas deixadas por outros pesquisadores em pesquisas passadas — as quais levamos em conta e, mais do que isso, com quem mantemos relação de afinidade e amorosidade —, cabe a nós, somente nós, pôr a mão na massa. Nota-se, contudo, que ainda que ganhe destaque a mão que

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²Mestrado em Educação (PPGEDU/UFRGS), Graduado em Educação Física (NISC/RS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4965-9677>. Email: winckesteves@gmail.com

³Doutorado em Educação (PPGEDU/UFRGS), Mestrado em Literatura (PPGL/UFSC), Graduação em Ciências Sociais (CFH/UFSC). Orcid:<http://orcid.org/0000-0002-7643-1785>. Email: maximo.lamela@gmail.com

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.428-441, Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.6753.

maneira, à sua maneira, e, noutro extremo da anatomia corporal, o cérebro, o intelecto e seus maneirismos, é um todo de músculos, vísceras, sangue, uma complexidade corporal flexionada sobre um estudo. Sobre a massa, então, trata-se do que condiciona a existência de uma coisa: constitui-se na composição de um texto, tanto quando da materialização de objetos; noutros termos: a materialidade dos corpos, a formalização do real em coisas individuadas.

O ponto que nos importa, nesta introdução,, pode ser assim enunciado: não é evidente o que constitui uma massa — tendo em vista a própria massa que compõe o corpo humano —, e a matéria da pesquisa, com efeito, ainda que se intencione um contingenciamento preciso e análise de um território, sempre acaba por nos escapar, onde insistem as dúvidas, as imprevisões. Do mesmo modo, não temos, mesmo os mais bem preparados dentre nós, o domínio pleno do nosso corpo, das nossas capacidades, enquanto somos, por assim dizer, um instrumento do pesquisar: o olho que vê, a mão que manipula, o intelecto que produz sentidos, conceitos, funções. Nos propomos então a conjecturar, no texto que segue, a pesquisa como um exercício; colocar-se, ou aceitar-se, nessa zona intermediária, de onde de fato não podemos sair: somos também parte da massa na qual colocamos a mão, num jogo sempre provisório, em fragmentos de pesquisas que seguem em direção ao imprevisito, ou seja, da massa a ser modulada, a matéria que, incorporada ao estudo, ganha forma, sentido, função. Exercícios nos termos de práticas, de repetições e variações numa pesquisa — e na docência — em jogo, onde nossa agência se restringe, como veremos com Valéry (2018), na liberdade que podemos oferecer ao nosso intelecto: quanto ao resto, com o que nos chega de improviso, esperamos que algo aconteça enquanto nos exercitamos neste espaço restringido pelo estudo.

EXERCÍCIOS: COLOCAR-SE EM JOGOS DE IMPREVISIBILIDADES

Se tudo está por se fazer ao iniciar uma pesquisa, portanto, importa perguntar: como se empreende um estudo? Ao que, e como, propõe-se a pesquisar? É nesse sentido que este texto perspectiva certa noção de improviso e seu potencial para a pesquisa-docência em Educação. Para tanto, partimos da noção de exercícios no sentido de um ocupar-se consigo mesmo, cuidado de si, conforme nos apresenta Foucault (2006). Tais exercícios, na apropriação que aqui deles se faz, tem como prerrogativa o colocar-se em jogo: trata-se de um jogo que opera no âmbito da extensão, dos corpos, coisas e espaços, e no âmbito do pensamento, no qual se lida com incertezas, e mesmo com paradoxos e não-sentidos (DELEUZE, 2002); (DELEUZE, 2007). Exercícios que assim se coadunam com o acaso, com o erro e com o esquecimento, pois, enquanto exercícios de si na relação com o que passa a conhecer se pondera que “a verdade só

é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo o ser mesmo do sujeito. Pois, tal como ele é, não é capaz de verdade” (FOUCAULT, 2006, p.19). A noção de verdade, com efeito, também passará a ser perspectivada.

Nesse sentido consideramos o termo pesquisa-texto, reforçando assim que a potência do escrever está na sua relação com as forças, no sentido nietzschiano (DELEUZE, 1976), pois lidamos com uma escrita que não é subjugada por fatos passados, ainda que recentes, que opera sobre o instante, onde o exercício de escrever é parte de uma maquinação do pensamento, e não uma ferramenta de transcrição deste. Trata-se de uma escrita que intenta afirmar os movimentos de um pesquisar incerto, pois que postula encontrar-se com imprevistos; a escrita como um exercício de procura, de exploração, que tem como pressuposto a compreensão de que o pesquisar está em relação com o que não se sabe, logo, num jogo de visibilidade e invisibilidade (de previstos e imprevistos). Trata-se, com efeito, de uma ética do e no pesquisar, onde o pesquisador não se compreende apartado da pesquisa, mas num complexo jogo de reciprocidade com a matéria estudada.

Desse modo, tais exercícios à espreita de ideias imprevistas são condicionados por jogos autoimpostos ao sujeito que se é, pois, somente descentrado pode-se ver o que não veria se olhasse do mesmo lugar e da mesma forma: o imprevisível, portanto, supõe variação não só da perspectiva, mas do nosso estado de presença. Por essa via, afirmamos um modo de pesquisar que aposta mais nos movimentos do que nas formas, mais na noção de modulação do que na de formação.

O imprevisto é aqui tomado a partir da ideia de um estado de prontidão, uma espécie de estado de imprevisto, afirmado via exercícios nos quais se autoimpõe uma atenção dispersa, ou multifocal. Trata-se de um estado de presença, do corpo atento ao que passa, dotado de atenção à espreita de apropriações de matérias, ideias, questões *da* e *na* pesquisa, tanto quanto de um grande riso, de uma gargalhada; bem como de desequilíbrios como uma dança improvisada com os textos que lê, que escreve, com o que pensa. Gargalhada que rompe o ar ascético da pesquisa, que tem sentido na compreensão da ausência de sentidos fixos *à priori*, no “encantamento do riso, que, por não vivermos no riso e sim ordenando em nós a explicação das coisas, está fechado para nós: no encantamento do salto, que é o riso da dança” (BATAILLE, 2017, p.362). Imagem da dança que conduz os corpos em jogo na pesquisa: não é o corpo que conduz a dança, mas é por ela conduzido. Pesquisa que, ao lidar com as limitações dos nossos sentidos e, sobre a influência dos nossos humores, numa realidade que escapa para todos os lados, afirma toda a

seriedade de quem busca atuar com humores alegres ao não opor o improvisado ao rigor, a verdade à invenção, o real à ficção, a loucura à lucidez.

Por conseguinte, compreende-se necessário projetar-se às periferias, produzindo o descentramento do sujeito e dos espaços, porquanto estes nos vinculam, via reconhecimento, às zonas de discernimentos e certezas (DELEUZE, 1988). É nesse sentido que é tomado o jogo: exercícios para pôr-se em movimento, em direção ao desconhecido; pôr em jogo nossa própria constituição enquanto indivíduos. Cabe notar que tais individualidades não são, senão, mais do que uma instituição do tempo, do que foi inscrito em nossos corpos numa educação escolar, familiar, enfim, no âmbito das relações. A questão é de que as forças que nos constituem tomam forma em relação com as forças do lado de fora. É isto o que nos aponta Deleuze (2006), ao tratar da “morte do homem”, em seu livro dedicado a Michel Foucault, no qual afirma: “Foucault é como Nietzsche, ele só pode indicar esboços, no sentido embriológico, ainda não funcionais. Nietzsche dizia: o homem aprisionou a vida, o super-homem é aquele que libera a vida dentro do próprio homem, em proveito de uma outra forma...” (DELEUZE, 2006, p.140).

PESQUISA E DOCÊNCIA, A EDUCAÇÃO E A VIDA

Conseqüentemente, tanto no pesquisar, quanto na docência, aqui entrelaçados, compreende-se a condicional de fissurar os estratos que constituem tais noções de individualidade — das centralidades dos corpos e dos espaços —, para produzir o devir, via acessos intermitentes de individuação (SIMONDON, 1993). Esses acessos, que partem de um equilíbrio instável — levando os indivíduos de um estado ao outro, como paragens de um ser mutável, variando o que os constitui —, são tomados como a justificação do educar enquanto uma ação imiscuída com as incertezas, visto que não controlamos os efeitos deste fazer que se compreende poético, inventivo, assim, se “[...] transformando numa educação nunca definitivamente fixada, jamais esgotada, intempestiva (no sentido de Nietzsche), a favor de um tempo por vir” (CORAZZA, 2013, p.98).

Frente as realidades dominantes, do que pode ser compreendido como Educação, intenta-se colocar os pressupostos em jogo, pôr-se em dúvida, pesquisar com o intempestivo. Pesquisa e docência que, de todo modo, afirma, modula, compõe, mas, “não são interrupções do processo, mas paragens que fazem parte dele, como uma eternidade que não pode ser revelada a não ser no devir, uma paisagem que não aparece a não ser no movimento”, é o que nos aponta Deleuze (1997, p.16), em seu texto *A Literatura e a Vida*. São movimentos têxteis, ou seja, produção de textos que, ao lidar com imprevistos, com o informe, considera que estes “não

estão fora da linguagem, elas são o seu lado de fora. O escritor enquanto vidente e ouvinte, objetivo da literatura: é a passagem da vida na linguagem que constitui as Ideias” (DELEUZE, 1997, p.16). O pesquisador-docente, então, como vidente e ouvinte, um corpo engajado em composições nas passagens da vida.

Destarte, tal pesquisa-texto inventa, como parte de seu método, um labirinto que tensiona a relação entre pensamentos e escrita, colocando-os em jogo, no sentido de dar visibilidade a esta correlação, “pois o jogo é sempre jogo de ausência e presença” (DERRIDA, 1971, p. 248). Trata-se do labirinto como uma imagem do pensamento (DELEUZE, 1988), que figura na compreensão de um labor interno, labor do texto (COMPAGNON, 2007). Labor também de si, produzindo vertigens e delírios ao dinamizar esta estrita relação do pensamento e da escrita com o lado de fora; desequilibrando-se e retomando temporariamente ao equilíbrio, individuando-se enquanto corpo-pesquisador, e enquanto corpo-texto. Nestes movimentos, ao notar e anotar o que encontra nestes caminhos errantes, — noutros termos: perceber, se apropriar e compor —, sobre uma noção que denominados de Poética da Notação⁴, sempre à espreita de ideias imprevistas, compõe-se a matéria da pesquisa-texto.

Pesquisa via exercícios de escrever que se constituem, portanto, num esforço de se manter ativo sobre o menor esforço possível. Atenção dispersa, memória curta e inconsciente alargado, sempre na iminência de emergir na próxima improvisação. Neste sentido a improvisação é uma efetuação dinamizada por um corpo em estado de improviso; um corpo em movimento projetado para as periferias, em constante permuta com o fora: nos encontros imprevistos, via composições inventivas de um corpo que nota e anota o que percebe nas fronteiras, onde lida com o desconhecido, instaura-se a realização de um possível, ainda que, e, sobretudo, improvável. Para tanto, é preciso aceitar-se como ignorante e atuar com esforçado esquecimento, pois, é somente quando se “para de seguir a tendência de um pensamento que se interioriza e, dirigindo-se ao próprio ser da linguagem, devolve o pensamento para o exterior, ele é também e de uma só vez: narrativa meticulosa de experiências, de encontros, de signos improváveis” (FOUCAULT, 2001, p.226).

São corpos que estão em jogo. Trata-se de uma certa convergência entre as matérias que constituem os espaços e as que nos constituem, por onde, nos encontros, se compõe os dados da pesquisa, que são, portanto, dados poéticos de uma Poética da Notação. Compreende-se assim a improvisação como uma efetuação dos/nos corpos; corpos que são coisas no espaço —

⁴ Trata-se, em síntese, de operar o fazer da pesquisa a partir de anotações, de pequenos fragmentos que, ao serem retomados e reescritos, compõe o conjunto de um texto, como este que aqui se lê.

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.428-.441, Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.6753.

tal como as palavras nos textos —; espaço que, por sua vez, também pode ser perspectivado como um corpo – tal como o corpo do texto.

Se a improvisação é, então, uma efetuação de possíveis a partir de um corpo, no caso do humano, em estado de improviso, podemos pensá-la sobre a prerrogativa de ser ativada por uma vontade; tal vontade é tomada pela ideia de Nietzsche, conforme no apresenta Deleuze (1976), de Vontade de Potência; mas, sobretudo, na leitura de Bataille (2017), nos termos de uma Vontade de Chance. Assim, a pesquisa-texto se constitui de corpos em jogo num território inventado, no espaço do texto: labor interno movido por uma Vontade de Chance em constante relação com seu lado de fora. Trata-se de, num incessante e errante pesquisar, via exercícios, em improvisações, afirmar nossas verdades: ficções reais constituídas neste labirinto vital que, tal como o labirinto de Borges (2001, p.106), imaginamos como possível de abarcar todo o cosmos.

Imaginei-o infinito, não somente de quiosques oitavados e de sendas que voltam, mas sim de rios e províncias e reinos... Pensei num labirinto de labirintos, num sinuoso labirinto crescente que abarcasse o passado e o futuro e que envolvesse, de algum modo, os astros.

Labirinto que se move “[...] em direção ao caos para tentar circunscrever uma subjetividade longe dos equilíbrios dominantes, para captar suas linhas virtuais de singularidade, de emergência e de renovação” (GUATTARI, 1992, p.99). Neste espaço *caosmico* (para seguir com Guattari) impera um jogo divino, sem vencedores nem perdedores, jogo da inocência (DELEUZE, 2007), ao qual não nos cabe, demasiado humanos que somos, querer controlar.

PESQUISAR, ENSAIAR: POR UMA POÉTICA DA IMPROVISÇÃO NA EDUCAÇÃO

Passamos a tratar, com as *Lições de Poética*, de Paul Valéry, da estrita relação que conferimos entre improviso e jogo. Esta pesquisa debruça-se sobre uma problemática na qual intenta circunscrever a improvisação fora da correlação com a espontaneidade. Nesse sentido, tomamos um fragmento do livro *Improvisação para O Teatro*, de Viola Spolin, donde destacamos os pressupostos de liberdade, espontaneidade e naturalidade que, dado o percurso adotado aqui, tomam o improviso por uma perspectiva divergente da nossa, mas que, todavia, importa notar pela força que detém não somente em estudos artísticos, mas na imagem que o senso comum parece ter do improviso, como expressão daquele que é dotado de irreverência e, sobretudo, criatividade:

Os próprios jogadores criavam suas cenas sem o benefício de um dramaturgo ou de exemplos dados pelo professor-diretor, enquanto eram libertados para receber as convenções do palco. [...] Eles podiam colocar toda a espontaneidade para trabalhar ao criar cenas após cenas de material novo. Envolvidos com a estrutura e concentrados na solução de um problema diferente em cada exercício, eles abandonavam gradualmente seus comportamentos mecânicos, emoções, etc., e entravam na realidade do palco, livre e naturalmente, especializados em técnicas improvisacionais e preparados para assumir quaisquer papéis em peças escritas. (SPOLIN, 2015, p.28).

Para conseguinte, e tendo em vista o sentido etimológico da palavra improviso, como o que não era visto de antemão, propomos sua emergência para pensar o lugar da poética na Educação: trata-se de uma articulação com o imprevisível, a partir de restrições impostas por jogos inventados, para fazer assim funcionar, e vitalizar, uma aula e uma pesquisa. Considera-se, porquanto, que:

Por toda a parte, nos intelectos, encontro atenção, tateamento, clareza inesperada e noites escuras, improvisações e ensaios, ou retomadas urgentíssimas. Existe, em todos os lares do intelecto, fogo e cinzas; prudência e imprudência; o método e seu contrário; o acaso sob mil formas. Artistas, cientistas, todos identificam-se nos detalhes dessa estranha vida do intelecto. (VALÉRY, 2018, p.41).

Tomamos de Valéry (2018, p.13) a noção de poética: “entendendo-se essa palavra segundo sua etimologia, isto é, como nome de tudo o que se relaciona com a criação ou com a composição de obras em que a linguagem é ao mesmo tempo substância e meio”. Damos mais ênfase à noção de composição do que de criação, uma vez que a segunda parece ter uma predisposição para associações metafísicas; por essa via, a improvisação acontece num fazer imediato: ato instantâneo da mão que manuseia a escrita em estrito jogo com o pensamento que pensa o pensar; do olho que compõe o que vê em sua imediação, e no ato de olhar produz uma espécie de narrativa do que vê; corpo que medeia, ato do intelecto que inventa uma obra — inventar com o que se apropria, composição com a matéria circundante. Ensaio do artista-pesquisador que tateia na escuridão, e que encontra nos imprevistos, e sobretudo busca no improvável, a clareza que ilumina o potencial do pensamento, para que se siga pensando à espreita do impensado, do que é possível pensar um pensamento.

Este estudo, portanto, considerara uma composição jogo-improviso que possa criar condições de possibilidade para experimentações na pesquisa e na docência. Trata-se de um jogo que propõe lidar com o imprevisível, de regras que, como restrições, produzem desvios, desequilibram e nos tensionam em direção à periferia do que nos constitui, no limiar entre o que conhecemos e o que ignoramos. Neste limiar a poética emerge como o fazer deste docente-

pesquisador, no jogo entre o que sabe, o que não sabe, e o que sente como necessidade para a manutenção deste fazer, pois “é a sensação própria do indivíduo que deve ser, como em todas as coisas, nossa guia: em suma, nossa necessidade deve ser nosso indicador” (VALÉRY, 2018, p.51).

E escrever uma pesquisa não seria um ato de improviso neste limiar entre o conhecido e o desconhecido? Podemos pensar que o texto se apresenta como um exercício de composição numa sala de ensaio da pesquisa: “não começa com Adão e Eva, mas com aquilo que deseja falar; diz o que a respeito lhe ocorre e termina quando sente ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer: ocupa, deste modo, um lugar entre os despropósitos” (ADORNO, 2003, p.17). Emana assim da necessidade de compreensão não para acumular conhecimento, mas para seguir pensando, para compor e operar com essas matérias nos fazeres da pesquisa e da docência, no sentido de que “às vezes somos o teatro de uma modificação, de uma construção verdadeira e própria” (VALÉRY, 2018, p.57). Trata-se de considerar um estúdio, um espaço onde estudar significa pensar no entorno do que nos seduz, de ensaiar, de tentar circunscrever algo. No que tange esta pesquisa em específico — no espaço deste texto —, tratamos da improvisação via uma escrita que se põe em jogo para improvisar sobre o tema da improvisação, ou seja: encontrar nela, nesta palavra, o que não era visto de antemão, conferindo força ao improviso como um modo de lidar com o que acontece (e pode acontecer) numa aula e no pesquisar.

Por conseguinte, desviar de uma compreensão da improvisação como algo da ordem da espontaneidade é condição indispensável para tomá-la no sentido de uma relação com o fora, e não como expressão da interioridade do indivíduo, da manifestação da sua criatividade. Um bom improvisador (no sentido spinozista do termo⁵) é este que lida com o que passa num instante, e neste ínfimo momento que escapa, nas imediações possíveis de um ato, opera uma imediata apropriação das matérias informes, produzindo, no que nos propõe Valéry (2018, p.21) uma obra do intelecto: “trata-se daquelas que o intelecto quer fazer para seu próprio uso, empregando para esse fim todos os meios físicos que podem lhe servir”. Mas, “um instante do intelecto, o que chamamos de um instante, pode ser considerado um sistema *in fieri*, necessariamente incoerente, incompleto, instável” (VALÉRY, 2018, p.55).

⁵ “Será dito bom (ou livre, ou razoável, ou forte) aquele que se esforça, tanto quanto pode, por organizar os encontros, por se unir ao que convém a sua natureza, por compor a sua relação com relações combináveis e, por esse meio, aumentar sua potência. Pois a bondade tem a ver com o dinamismo, a potência e a composição de potências” (DELEUZE, 2002, p.25).

É nesse sentido, para lidar com o “necessariamente incoerente, incompleto, instável” que propomos o jogo enquanto um delimitador, definição de um espaço para exercitar-se, como num ensaio, para estudar e aumentar nossa capacidade de improvisar e compor. Para pensar a pesquisa-docência, pois, a noção de estudo — enquanto um ensaiar, exercitar-se, portanto —, nos interessa mais que a de ensino, por toda as implicações que a relação ensino-aprendizagem nos parece ter; de todo modo, e nesse sentido, estamos novamente com Valéry (2018, p.49), pois:

Se eu fosse obrigado a definir o ensino, diria que consiste em nos transformarmos o máximo possível, em transformar nosso corpo e nosso intelecto, para fazer deles verdadeiros instrumentos, mais dóceis ao que podemos chamar de desejo de superioridade. Nossa superioridade individual depende da flexibilidade, da obediência e da precisão desses instrumentos que são o intelecto e o corpo: instrumentos de quê? Instrumentos do instinto, sem dúvida, de uma ideia que se nos apresenta, de uma necessidade que percebemos. Quanto mais elevada é essa necessidade, quanto mais é rara, menos ela pertence à ordem das necessidades ordinárias do ser, e mais exige ductilidade, prontidão e precisão dos instrumentos de que falava.

Em que pese nossa necessidade, no decurso da pesquisa em questão — mas não enfaticamente neste texto —, de perspectivar a dicotomia corpo-intelecto, que pode ser lida nesta citação (mas que parece não se reafirmar em outras passagens de Valéry, ainda pelo contrário), o mesmo quanto a noção de instrumento enquanto algo que tem função externa a si, passamos agora a esta ideia da Educação como lugar de transformação do corpo: e aqui propomos tal metamorfose no sentido da improvisação, ou seja, como aumentar a capacidade deste corpo compor com/nos possíveis dum instante que passa. Metamorfose que é, então, uma resultante da improvisação, de um improvisar a si, do recompor-se ao apropriar-se dos/nos acontecimentos, valendo-se dos encontros fortuitos: experimentos duma poética da existência improvisada.

Esta prontidão e precisão, da qual nos fala Valéry, precisa então ser praticada, e é nesse sentido que pensamos o jogo como este lugar de exercício, de treino, de transformar-se e aumentar seu grau de potência de improvisação no mundo (e de mundos); mundo que se estuda nos termos das questões colocadas pelas pesquisas que se empreende; e estudo que experimenta: portanto, há um duplo movimento, incerto, entre perceber este real e de narrá-lo ao compô-lo a partir da parcialidade do que podemos notar. A fronteira entre ciência e arte, assim, é tão clara como a noite, mas talvez possa ser melhor notada na aurora.

IMPROVISO E RIGOR: ENTRE A POÉTICA E UMA CIÊNCIA NÔMADE

Restringir significa exercitar-se num território definido pelo regramento, agir com rigor frente as imposições do jogo que se passa a jogar. Trata-se, como já dito, da invenção de um labirinto, com suas limitações e caminhos que percorremos, um labor interno, onde a improvisação é tomada como uma ação sobre o instante, como intensificação do pensamento dinamizado pelo movimento no entorno de si, pois impossibilitado de se dispersar numa suposta liberdade irrestrita. A amplificação é um efeito, na apropriação que dela aqui se faz, desta intensificação, que se opõe, nesse sentido, à ampliação: significa restringir para dinamizar o espaço, potencializar-se pela dinâmica do jogo autoimposto, pois, de fato:

[...] só podemos agir sobre a liberdade do sistema do nosso intelecto. Reduzimos o grau de liberdade, mas, quanto ao resto, quero dizer, quanto às modificações e às substituições que esse constrangimento deixa possíveis, simplesmente esperamos que o que desejamos se produza, pois só o que podemos fazer é esperar. (VALÉRY, 2018, p.39).

Opera-se, assim, uma espera em movimento: um labor interno ao espaço constituído pelas restrições do jogo. Importa registrar que esse jogo é uma invenção no espaço de uma aula, ou de uma pesquisa, não se tratando de um jogo *à priori* (xadrez, amarelinha etc., ainda que deles se possa apropriar): jogo como um método, condição para o estudo, para tornar possível perspectivar a matéria, o conteúdo, a partir de procedimentos regrados.

Perceba-se que, em última instância, a matéria de estudo é o próprio corpo (e com ele o intelecto) em sua capacidade de composição via, poderíamos dizer, uma ciência da improvisação; pois, a noção de improviso que neste estudo se constitui, ao não mais se coadunar com a ideia de liberdade irrestrita, nem de espontaneidade criativa, muito menos de dom divino ou, ao contrário, do improviso como última solução daquele que não se preparou para uma ação, passa a tomar forma como um empreendimento relacionado a um fazer e, por isso, à prática, à técnica. Nos interessa perspectivá-la — a improvisação enquanto uma prática — nos termos de uma ciência nômade (DELEUZE; GUATTARI, 1997) que, como tal, resiste às imposições da dualidade forma-matéria, substituindo-a pelo estudo dos fluxos, das energias, das forças — e a improvisação aparece aqui como uma modulação do par matéria-forças (e matéria é energia). Educação, então, que, enquanto se coaduna com a ideia de uma ciência nômade do improviso, resiste às divisões entre “governantes-governados”, “intelectuais-manuais”, conforme nos apresentam os autores:

A ciência régia é inseparável de um modelo “hilemórfico”, que implica ao mesmo tempo uma forma organizadora para a matéria, e uma matéria preparada para a forma; com frequência mostrou-se como esse esquema deriva menos da técnica ou da vida que de uma sociedade dividida em governantes-governados, depois em intelectuais-manuais. O que o caracteriza é que toda a matéria é colocada do

lado do conteúdo, enquanto toda a forma passa para o lado da expressão. Parece que a ciência nômade é imediatamente mais sensível à conexão do conteúdo à expressão por si mesmos, cada um desses dois termos tendo forma e matéria. É assim que para a ciência nômade a matéria nunca é uma matéria preparada, portanto homogeneizada, mas é essencialmente portadora de singularidades (que constituem uma forma de conteúdo). E essa expressão tampouco é formal, mas inseparável de traços pertinentes (que constituem uma matéria de expressão). (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.37).

A improvisação é uma arte das conexões, por isso sua relação com a composição: improvisar é conectar matérias em movimento, e por isso tem mais a ver com modulação do que com formação. “Quanto à palavra arte (agrada-me voltar à origem, do ponto de vista verbal), seu significado inicial era simplesmente *modo de fazer*, só isso” (VALÉRY, 2018, p.65 – grifo do autor). Valéry segue, mais a frente (p.65), “falamos em arte da educação, arte do comportamento, arte do raciocínio; arte do pensar”, e nós, da arte de improvisar, condicionada pelo rigor ao qual se impõe, seguindo regras que modulam os modos de jogar, em conexões possível para composições de pesquisas e docências. Arte de improvisar que, como tal, enquanto um fazer, sem prescindir da técnica, pode ser tomada como uma ciência menor:

Já podemos fazer uma ideia dessa situação se pensarmos no caráter mais geral da arte nômade, onde a conexão dinâmica do suporte e do ornamento substitui a dialética matéria-forma. Assim, do ponto de vista dessa ciência que se apresenta tanto quanto arte quanto como técnica, a divisão do trabalho existe plenamente, mas não adota a dualidade forma-matéria (mesmo com correspondência biunívocas). Ela antes *segue* as conexões entre singularidades de matéria e traços de expressão, e se estabelece no nível dessas conexões, naturais ou forçadas. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.37).

Ao finalizar este ensaio — pois sentimos que podemos chegar até aqui, e longe de ter dito tudo que se poderia dizer —, precisamos registrar uma questão que se apresentou nestas últimas linhas deste exercício de escrita: a improvisação pode ser tomada em dois tempos, e nisso pode ser perspectivada pela via de uma ciência menor, nômade, e pela via da poética — em nossos termos, de uma Poética da Notação. O primeiro momento é o da percepção, da sensação: do corpo que percebe, da sensibilidade sem palavras, do encontro ainda a-significante; do ignorante curioso e em jogo com a necessidade de conhecer: e daí o exercício alquímico da ciência menor, que modula as energias num espaço dinamizado pelo estudo em jogo que se propõe.

Tratar-se-ia então de uma experiência científica, que tão logo passa a se confundir com uma ficção científica, pois esse primeiro momento, perceptivo, afectivo, se mistura, assim que se inicia, com um segundo, o de compor, nomear, produzir: o da poética, pois, ao querer tomar parte nestes acontecimentos, guiado por uma necessidade e vontade de pertencimento, o

indivíduo precisa apropriar-se deles, o que só pode ser feito, a contento e para seu uso futuro, via linguagem. Não é que a ciência não se utilize da linguagem, e tampouco que a poética não tome parte do sensível, mas que importa aqui notar que essa tensão pode ser tomada, justamente, na relação que se apresenta entre um corpo sensível (via, então, uma Ciência Nômade do Improviso) e um intelecto inventor (via uma Poética da Notação), ambos sobre a sedução dos jogos de improviso, nosso guia improvável pelos espaços de pesquisa-docência.

Que siga o jogo.

PLAY AND IMPROVISATION IN RESEARCH-TEACHING: STUDIES IN EXERCISES

ABSTRACT: This essay, a study developed at the Post-Graduate Program in Education at Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (master), takes a look at research and teaching viewed through the lens of a specific notion of ‘exercises.’ This notion assumes that the researcher-teacher must put himself or herself into play, so that research-teaching — the two terms acquiring true reciprocity—is encouraged to face its unpredictable and ephemeral characteristics. This notion of ‘exercises’ is regarded here in Foucaultian way: ‘exercises’ should be a means to put researchers to the test, since this would be the only way to obtain access to truth. Meanwhile, the very notion of truth is discussed. After all, as in Nietzsche, truth is built on the tragic background of existence, i.e., on the non-meaning whence the meanings and functions of research emerge. The improbable character of the research-teaching practice is thus affirmed, applying both to the writing of the research and to the researcher-teacher who writes it, himself or herself also in play. In the same vein, improvisation appears as an unpredictable event, in which the study, and the individual who studies, go through intermittent processes of individuation. As a consequence, even this text is comprised of indeterminate zones, exposing itself to risk: in-betweens of research and teaching where exercise takes place, given our concept of exercise as a certain combination of play and improvisation. We propose, in fact, that certain exercises—games invented to produce improvisation—can be appropriated as feasible and powerful ways of dealing with the challenges of research and teaching.

KEYWORDS: Exercises; Play; Improvisation; Research; Teaching.

JUEGO E IMPROVISACIÓN EN LA PESQUISA-DOCENCIA: SOBRE ESTUDIOS EN EJERCICIOS

RESUMEN: Este ensayo, un estudio desarrollado en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (maestría), perspectiva la pesquisa y la docencia a través de una noción de ejercicios que considera la necesidad de ponerse en juego como investigador y docente, para que la pesquisa-docencia — noción que se asume en reciprocidad — sea incitada a relacionarse con lo imprevisible y las provisoriedades de su hacer. Esa noción de Ejercicios es tratada por una vía foucaultiana, de manera que el sujeto investigador se pone en cuestión, una vez que solamente de ese modo tendría acceso a la verdad. A su vez, la propia noción de verdad pasa a ser perspectivada como nos propone Nietzsche, o sea, tiene como presupuesto el fondo trágico de la existencia, es decir, el no-sentido sobre el cual se produce los sentidos y las funciones de y en la investigación. Afirmase, con eso, el carácter improbable de ese hacer — tanto de la escritura de la investigación como del pesquisador-docente que escribe, él mismo se encuentra en juego —, y la improvisación emerge como acontecimiento imprevisto en el cual el estudio y el propio individuo, que se dobla sobre ello, pasan por procesos intermitentes de individuación. Así, el propio texto aquí presentado se constituye en zonas inciertas, se pone en riesgo: se comprende en un entremedios donde

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.428-.441, Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.6753.

se exercita teniendo como mirada la proposición de cierta noción compuesta entre el juego y la improvisación. Se propone, con eso, que ciertos ejercicios, mientras juegos inventados como condiciones para improvisaciones, puedan ser apropiados como un modo posible, y potente, de laborar con la investigación académica y la docencia.

PALABRAS-CLAVE: Ejercicios; Juego; Improvisación; Investigación académica; Docencia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. O ensaio como forma. In: ADORNO, T. **Notas de literatura 1**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.

BATAILLE, G. **Sobre Nietzsche**: vontade de chance. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BORGES, J. **Ficções**. Tradução Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 2001.

COMPAGNON, A. **O trabalho da citação**. Tradução Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CORAZZA, S. **O que se transcria em Educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

DELEUZE, G. A literatura e a vida. In: DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed 34, 1997.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G. **Espinosa**: Filosofia Prática. Tradução Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. Foucault. Tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. Tradução Luis Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2007a.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs**, vol.5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

DERRIDA, J. A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas. In: DERRIDA, J. **A Escrita e a Diferença**. Tradução Maria Beatriz Marques da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.428-441, Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.6753.

SIMONDON, G. A gênese do indivíduo. In: **Cadernos de subjetividade**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SPOLIN, V. **Improvisação para o Teatro**. Tradução Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2015.

VALÉRY, P. **Lições de Poética**. Tradução Pedro Sette-Câmara. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.